

Identidade negra:

Aparecida Martins

Aparecida, seu discurso é inclusivo, mas você não vivenciou na pele o racismo”. Observei-o, achando seu discurso radical e extremista. Não retruquei, entretanto fiquei a refletir sobre sua colocação por algum tempo. Porém, logo o assunto caiu no esquecimento, ele era o professor que eu escolhera (entre outros alunos) para me orientar, precisava saber de sua disponibilidade, decidir o tema a ser abordado, o tempo passava...

Apesar de seu aceite em me orientar, houve desistência de minha parte; tomei conhecimento de algumas exigências estabelecidas por ele: a referência bibliográfica deveria ser de apenas autores negros. Assim, meu leque de consultas ficaria bem restrito, pensei...

Acredito que nada na vida é por acaso e que existe a consciência das coincidências. Pensar nesse professor e em sua fala, no momento em que estamos sendo convidados e, principalmente, permitindo-nos a pensar e repensar o mito da democracia racial, é singular e significativo para mim. Este está sendo meu momento com ele... verdadeiramente, hoje, estou disponível e aberta para sua fala.

Jurandir Freire Costa, ao prefaciар o livro *Tornar-se Negro*, de Neuza Santos Sousa, sintetiza com profundidade a violência que o negro sofre em sua essência: “Ser negro é ser violentado de forma constante por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro” (COSTA, 1983 apud SANTOS, 1983, p.2).

Assim, indivíduos negros em seu processo de formação experimentam no próprio corpo seu verdadeiro campo de batalha. O sujeito se percebe e se relaciona com o meio através de seu corpo, a identidade se baseia na relação do modo como ele vive e percebe seu corpo.

Bell Hooks discorre, no texto *Alisando o Nosso Cabelo*, sobre as vicissitudes vivenciadas nas manhãs de sábado, quando as mulheres se reuniam na cozinha para alisar os cabelos.

Para ela e suas irmãs, ter a permissão de alisar o cabelo era deixar de ser percebida como menina (cujo cabelo poderia estar penteado e trançado) para ser quase uma mulher. Era um ritual, um momento de transição para o mundo adulto. Estava associado somente ao rito de iniciação de sua condição como mulher.

O tempo passou e o contexto do ritual havia desaparecido, não haveria mais vínculos íntimos e pessoais entre as mulheres negras. O alisamento ganhou um novo significado: o de opressão e da exploração da ditadura branca, o desejo era de mudar a aparência para imitar a aparência do branco.

Novamente cito Jurandir Freire, ao definir a representação da brançura: “A brançura transcende o branco (...). Nada pode macular esta brançura que, à ferro e fogo, cravou-se na consciência negra como sinônimo de pureza artística; nobreza

Seção Treinel

estética; majestade moral; sabedoria científica etc. (...) O belo, o bom, o justo e o verdadeiro são brancos” (COSTA, 1983 apud SANTOS, 1983, p.2).

A partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo de perseguição do próprio corpo. Ele vai controlar, observar, vigiar este corpo que se opõe à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar.

As crianças... Reporto-me a elas, pois são as mais violentadas com o padrão imposto, com a ditadura cruel. Nascem simplesmente crianças, abertas, inteiras, cheias de potencialidades e aos poucos vão sendo encarceradas, podadas, colocadas dentro das “caixas”. Emanuella, minha filha, não é negra, mas possui um cabelo fora do padrão eleito como belo: encaracolados, ligeiramente avermelhados e com volume. Passeávamos pelo shopping e uma menina, um pouco mais velha que ela, olhou-a e exprimiu sua sentença: “que cabelo horrível!!!!” Observei a dona da referida fala: tinha cabelos longos e lisos até a cintura. Aguardei uma reação da minha filha. Não houve resposta, apenas silêncio e uma profunda tristeza tomou conta de seu olhar. Continuamos a caminhar e perguntei o porquê de não ter respondido, ela começou a chorar. Constatei o quanto ela estava surpresa e magoada com a observação. Ela mesma nunca vira seu cabelo sob essa perspectiva, mesmo ao acordar, quando o mesmo se encontra desalinhado e para o alto. Ela tomou para si a verdade da menina e chorando, passou a ter (mesmo que por um curto tempo) o juízo de valor da outra e sentenciou para si mesma que o seu cabelo era feio.

Perguntei- lhe se achava seu cabelo feio, respondeu que não e afirmei que também não achava, que de fato seu cabelo não é feio, que as pessoas são diferentes e que combinam com os cabelos que têm.

O que fazemos com nossas crianças? Que discursos e valores são esses que os adultos transferem para elas?

É contraditório quando mulheres elogiam os cachos e, quando se olha para os seus, estão alisados. Complexo isso, irônico até. Bonito para o outro e não para mim? Outra disse adorar cachos, porém começou alisar os seus e não estava se sentindo satisfeita com os mesmos alisados. Indaguei o porquê de alisar, já que não a agradava. Não soube responder...

Bell Hooks, ainda em seu texto, relata, em uma de suas conversas centrada na construção social da identidade da mulher negra dentro de uma sociedade sexista e racista, sobre quando uma mulher negra contou-lhe que sua filha de 7 anos estava deslumbrada com a ideia do cabelo loiro, de tal forma que ela havia feito uma peruca que imitava os cachinhos dourados. A mãe queria saber o que estava fazendo de errado em sua tutela, já que na sua casa a condição do negro era afirmada e celebrada. Mas ela não havia considerado que o seu cabelo alisado era uma mensagem para sua filha...

Que alienação é esta que vivemos nos dias atuais? Que demandas são estas que estamos comprando sem ao menos questioná-las?

Seção Treinel

Em uma cultura de dominação e artificialismo, devemos lutar diariamente por permanecer em contato com nós mesmos e com os nossos corpos, uns com os outros. Especialmente as mulheres e homens negros, já que são esses corpos que frequentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia que aliena. Celebrando nossos corpos, participamos de uma luta libertadora que libera a mente e o coração.

Referências

COSTA, Jurandir Freire. Prefácio: Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: *Tornar-se negro ou As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social* de Neuza Santos Sousa. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

HOOKS, Bell. **Alisando o Nosso Cabelo**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>. Acesso em: janeiro/2017.